

Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira
(Editoras)

BEIRA(S)

Imagens do ambiente natural e humano
na literatura de ficção



Edições Colibri

Título: Beira(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção

Editoras: Ana Cristina CARVALHO e Cristina Costa VIEIRA

Autora(e)s: Henrique ALMEIDA (Inst. Politécnico Viseu), Maria Mota ALMEIDA (Esc. Sup. de Turismo do Estoril), Margarida ALPALHÃO (Univ. Nova Lisboa), Maria de Lurdes BARATA (Inst. Politécnico Castelo Branco), Glória BASTOS (Univ. Aberta), Teresa BRANQUINHO (Biblioteca Branquinho da Fonseca), Ana Cristina CARVALHO (Univ. Nova Lisboa), Guilherme d'OLIVEIRA MARTINS (Fundação C. Gulbenkian), Maria ILHÉU (Univ. Évora), Rui JACINTO (Univ. Coimbra), Jorge Costa LOPES (Univ. Porto), António Apolinário LOURENÇO (Univ. Coimbra), António QUEIRÓS (Univ. Lisboa), Vânia REGO (Inst. Politécnico Macau), Anabela SARDO (Inst. Politécnico Guarda), Ana ALBUQUERQUE Sousa (Esc. Sec. Alves Martins, Viseu), Fernanda M. VICENTE (Univ. Aveiro), Cristina Costa VIEIRA (Univ. Beira Interior).

Editor: Fernando Mão de Ferro

Revisão (*Double-blind peer review*): Albertina Raposo (Dep. Biociências, Inst. Polit. Portalegre), Allison Leão (Univ. Estado do Amazonas), Celeste Simões (Fac. Letras, Univ. Coimbra), Clara Sarmiento (Inst. Politécnico Porto), Graça Poças Santos (C. Interdisciplinar Ciências Sociais, Inst. Politécnico Leiria), Igor d'Angelis (Mare.Nova, Fac. Ciências e Tecnologia, Univ. Nova Lisboa e Esc. Sup. do Agreste Paraibano), Larissa Malty (CicsNova, FCSH Nova Lisboa), Maria do Carmo Mendes (C. Estudos Humanísticos, Univ. Minho), Paulo Rocha Monteiro (Inst. Sup. Agronomia, Univ. Lisboa, e Associação Zero).

Capa: Raquel Gil Ferreira

Fotografia da capa: Nuno Santos

Ilustrações: Alfredo da Conceição, Maria de Lourdes Carvalho, Nuno San-Payo.

Fotografias: Armando Almeida, Jorge Costa Lopes, Manuel A. Pereira, Nuno Santos, Paulo Rocha Monteiro, Ricardo Nicolau, Cristina Costa Vieira, Ana Cristina Carvalho.

ISBN 978-989-566-117-6

Depósito legal n.º 522 547/23

Lisboa, Julho de 2023

Este livro teve apoio do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013, apoiado pela FCT/MCTES através de Fundos Nacionais.

CAPÍTULO 14



Foto: Nuno Santos



Foto: Ricardo Nicolau

Resumo

Aventuras pela Região das Beiras: O território na literatura para os mais novos

A coleção “Uma Aventura” tem constituído um dos casos de maior sucesso editorial em Portugal no âmbito dos livros para os mais novos. Alguns dos títulos publicados remetem para espaços reais que funcionam como cenários das narrativas de aventura e mistério. Fazemos uma abordagem desses livros a partir de duas linhas de análise. A primeira prende-se com as marcas características da narrativa nas séries de aventura e mistério para os mais novos e a sua articulação com os cenários reais retratados. Mas, pelo facto de especificamente os livros desta coleção apresentarem uma natureza híbrida, na medida em que incluem no final da ficção um conjunto de páginas que descrevem os locais centrais onde a ação decorreu, articulando, portanto, ficção e informação, fazemos igualmente uma abordagem a algumas perspetivas que relacionam literatura e turismo, conexão que consideramos que estas obras permitem.

Palavras-chave: Livro-série. Mistério. Espaço. Turismo literário. Topoanálise. Literatura portuguesa.

Abstract

Aventures through the Beiras region: the territory in the literature for the youngsters

The “Uma Aventura” collection has been one of the most successful cases of publishing in Portugal in the field of books for the youngest. Some of the published titles refer to real spaces that work as scenarios for adventure and mystery narratives. We approach these books from two lines of analysis. The first is related to the characteristic marks of the narrative in the adventure and mystery series for the younger ones and its articulation with the real scenarios portrayed. But, because specifically the books in this collection have a hybrid nature, as they include at the end of the fiction a set of pages that describe the central places where the action took place, thus articulating fiction and information, we also make an approach to some perspectives that relate literature and tourism, a connection that we believe these works allow.

Keywords: Book Series. Mystery. Space. Literary tourism. Topoanalysis. Portuguese literature.

AVENTURAS PELA REGIÃO DAS BEIRAS: O TERRITÓRIO NA LITERATURA PARA OS MAIS NOVOS

Glória BASTOS

Departamento de Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta
gloria.bastos@uab.pt

1. Introdução

No panorama nacional da escrita para crianças um dos casos de maior sucesso editorial é, sem dúvida, a série “Uma Aventura”, da dupla Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, com ilustrações de Arlindo Fagundes. Iniciada em 1982 com *Uma Aventura na Cidade*, foram lançados, até ao ano de 2021, 63 títulos, todos com múltiplas reedições, tendo igualmente sido realizada uma série televisiva a partir de alguns dos volumes editados (2000-2007) e um filme (2009). Não sendo livros em que a qualidade literária os distinga, são no entanto obras de grande relevo em termos do diálogo intenso que estabelecem com o jovem leitor, constituindo importante contributo na motivação para a leitura, e consistindo, portanto, num fenómeno que merece a nossa atenção.

A maior parte dos títulos de “Uma Aventura” remete de forma explícita para os locais que são cenário da ação de aventura e mistério que caracteriza a coleção, com peripécias localizadas em várias zonas de Portugal, entre as quais o território que aqui nos interessa em particular: as Beiras. São livros que, como já explanámos anteriormente, apresentam as características que marcam a escrita desta natureza (Bastos, 2000), ou seja, do livro-série, que tem na obra da escritora inglesa Enyd Blyton a matriz original, com as suas famosas coleções, com destaque para a série “Os Cinco” (“The Famous Five”, na versão original: 1942-1963).

BEIRA(S) – Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção, Lisboa, Edições Colibri, 2023, pp. 289-302.

A abordagem que faremos irá privilegiar duas vertentes, no âmbito de uma análise relacionada com as formas como o espaço é apresentado nos volumes selecionados e quais as funções que assume na economia das intrigas. Aponte-se então os três títulos sobre os quais vai recair a nossa leitura analítica, por serem aqueles em que a região das Beiras surge de forma mais explícita: *Uma Aventura na Serra da Estrela* (n.º 32, 1993), *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas* (n.º 41, 1999) e *Uma Aventura em Conímbriga* (n.º 59, 2017).

Uma primeira linha de análise destes livros prende-se com as marcas características da narrativa nas séries de aventura e mistério para os mais novos e a sua articulação com os cenários reais retratados. Mas, pelo facto de especificamente os livros desta coleção apresentarem uma natureza híbrida, na medida em que incluem no final da ficção um conjunto de páginas que descrevem os locais centrais onde a ação decorreu, articulando, portanto, ficção e informação, abordaremos algumas perspetivas que relacionam literatura e turismo, conexão que consideramos que estas obras permitem.

Em relação a este último aspeto, podemos desde já apontar múltiplas dimensões que estes livros nos sugerem quando examinamos as ligações estabelecidas com os lugares que referem, neste caso específico, espaços e lugares situados numa região de Portugal designada por Beiras. Por um lado, considerar que a literatura, a própria narrativa ficcional, nos pode ensinar algo sobre um lugar. Sobre a sua vertente física, sobre a sua história, mas igualmente sobre outros aspetos menos imediatos. Mas um livro pode também conduzir-nos para fora da esfera da ficção, como acontece com os volumes que analisamos desta coleção. Neste sentido, acabam por desenharmos um percurso espacial suscetível de ser visitado e conhecido, criando outra forma de ligação aos locais que servem de cenário às ações. Desenha-se, assim, como veremos, uma dupla espacialidade em cada livro (espaço ficcional, espaço real) aliada, de certa forma, a uma geografia cultural que as autoras também pretendem divulgar, além da perspetiva mais imediata de leitura lúdica que associamos a estas obras.

2. Aventuras pela região das Beiras

Pelo destaque que assumem no panorama das leituras para crianças e jovens, impõe-se uma reflexão inicial sobre as séries de aventura e mistério, identificando alguns elementos que distinguem este tipo de narrativa, como é o caso de “Uma Aventura”, de que analisamos os três volumes já

mencionados. Herdeiros da tradição do romance policial, estes livros apresentam uma narrativa organizada segundo o esquema clássico de “aparecimento de um mistério – resolução do problema”, conduzindo o leitor através dos indícios que vão surgindo e que requerem uma leitura ativa na busca dos sentidos que são construídos através dessas pistas. Estamos perante uma forma narrativa altamente convencional e codificada, que segue padrões que rapidamente são dominados pelos leitores.

Em relação às personagens juvenis destes livros, como sublinha Grenby (2008), “they are catapulted into importance by their discover of sinister plots which only they can foil. In triumphing over the criminals they assert their equality with, or actually superiority to, adults.” (p. 174). De facto, tudo se passa como se as personagens, pela sua condição já conhecida de “heróis”, tivessem uma capacidade invulgar de desencadear ou de atrair o mistério e a aventura. Por exemplo, em *Uma Aventura na Serra da Estrela* o título do primeiro capítulo – “O nevão” – indicia logo na abertura que essa aventura terá inevitavelmente lugar, ao anunciar-se um acontecimento que pode assumir contornos problemáticos.

Um dos traços essenciais da série, enquanto criação de um universo literário que se consolida na repetição (Sotomayor, 2001), é a permanência da mesma personagem central de livro para livro que, no caso da coleção “Uma Aventura”, se trata da personagem-grupo, em que as diferentes figuras se complementam: As gémeas Teresa e Luísa, sempre acompanhadas do seu caniche Caracol; Pedro e Chico, João e o seu cão Faial. São figuras com uma idade aproximada à dos potenciais leitores e com uma linguagem vizinha da que é usada por estes. Estes factos permitem uma situação de identificação mais imediata com as aventuras contadas. A relativa variedade existente entre os elementos que compõem o grupo e as características físicas e psicológicas que os distinguem possibilitam, quase sempre, a existência de um ponto de apoio para o jovem leitor, ou seja, que surja um qualquer processo de identificação. Mas, segundo Leclair-Halté (1985), essa identificação concretiza-se de forma complexa e algo ambígua: tanto se pode operar por uma semelhança real – atração pelo igual – como por uma semelhança desejada – atração pelo diferente.

Na série encontramos uma espécie de hipertrofia da personagem, pela centralização da narrativa nos actantes principais, retomados em aventuras sucessivas. Verifica-se, além disso, que as personagens são pouco desenvolvidas e caracterizadas de acordo com um esquema mais ou menos tipificado. Este facto leva-nos a falar sobretudo de “caracteres em ação”, uma vez que, mais do que um trabalho de composição da psicologia da personagem,

aquilo a que assistimos é, basicamente, a personagem em permanente atuação. Rapidez e economia de meios qualificam quer a apresentação das personagens, quer dos elementos essenciais que desencadeiam a ação. Em relação às personagens, e a partir do lançamento da série, as diferentes aventuras não terão como função afinar ou atribuir-lhes novas facetas, mas antes “exemplificar, ilustrar e confirmar repetidamente os traços da ficha sinalética inicial” (Decréau, 1994, p. 107). No que diz respeito à ação, os episódios secundários têm uma presença pouco significativa ou quase nula, resumindo-se a ação, praticamente, à apresentação e resolução do problema/mistério.

Assim, em termos estruturais, nas séries encontramos o domínio da ação ou de “imagens em ação”, resultantes de uma combinatória de elementos pré-existentes e que caracterizam a série, limitando-se as descrições quase sempre a fornecer elementos mínimos de um certo ambiente. Nos livros que analisamos, as ilustrações que parecem vinhetas de banda desenhada, com balões que transcrevem as falas das personagens, funcionam como elementos que apoiam e consolidam esta perspetiva.

A este facto, alia-se a abundância do diálogo, o que leva Laurence Decréau (1994) a considerar a série como um momento de transição entre o oral e o texto literário. Aliás, o diálogo surge precisamente como veículo privilegiado para fornecer ao leitor dados relativos, por exemplo, a ambientes, à caracterização de personagens, ou para fornecer diferentes tipos de informações (históricas, geográficas, etc.), elementos que noutros géneros textuais são transmitidos através de momentos de descrição, entendidos como fragmentos textuais que “tendencialmente estáticos, proporcionam momentos de suspensão temporal, pausas na progressão linear dos eventos diegéticos” (Reis e Lopes, 1991, p. 87). Vejamos um exemplo de diálogo informativo:

- Não sei o que é um gladiador.
Quem lhe respondeu foi o Pedro
- Não é, era. Agora já não há gladiadores. Havia no tempo dos romanos. Nunca viste em filmes e séries?
- Talvez, mas não liguei.
- Liguei eu – disse o Chico. – Porque eram lutadores profissionais, que em vez de irem para a guerra davam espetáculos a dois e dois.
- Ao murro e à chapada?
- Não, com armas especiais. Lanças e espadas para atacar, um escudo para se defenderem e uma rede para ver se conseguiam atirá-la para cima do adversário e manietá-lo. (*Uma aventura em Conímbriga*, p. 13)

Naturalmente que um elemento fundamental na ação narrativa é o espaço: a atuação das personagens necessita desse ingrediente fundamental. O espaço “integra [...] os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação [...] e à movimentação das personagens [...]: os cenários geográficos, interiores, decorações, objetos, etc.” (Reis & Lopes, 1991, p. 129). No presente caso, importa igualmente olhar o espaço enquanto elemento pertencente a uma determinada região e que enquadra a aventura vivida pelas jovens personagens. No campo dos estudos sobre o espaço na literatura interessa-nos, em particular, a abordagem segundo a perspectiva da topoanálise proposta pelo professor Oziris Borges Filho. De acordo com a tipologia que apresenta (Borges Filho, 2008), o espaço nos livros aqui analisados situa-se fundamentalmente na categoria “propiciar a ação”. São também espaços que funcionam como cenários que, quer por um certo exotismo (a Quinta das Lágrimas e Conímbriga) quer pela situação inusitada da sua existência (a casa abandonada onde as personagens se abrigam durante o nevão quando chegam à Serra da Estrela), ajudam à criação de um ambiente propício à ação de aventura e mistério.

Verifica-se, assim, uma sinergia entre o cenário central de cada um destes livros (mais concentrado no caso dos dois primeiros livros acima mencionados, mais disperso na aventura situada na Serra da Estrela) e a ação do grupo de jovens. A Quinta das Lágrimas, por exemplo, surge desde o início envolta numa aura mística que deixa antever, de imediato, que aquele será o espaço em que os mistérios surgem de forma inesperada:

– Eh pá! Esta quinta é um espetáculo!

– A casa parece um palácio.

Teresa foi a primeira a pisar o caminho que corria entre duas filas de árvores acolhedoras. Sentido o saibro ranger debaixo das solas, estremeceu de prazer.

– Isto dá a sensação de que vamos atravessar um sonho. (p. 10)

Os raios de sol, coados através da folhagem, criavam uma atmosfera de sombras ondulantes, muito misteriosa. E as canas-da-índia, embaladas pela brisa suave do entardecer, iam espalhando em volta memórias de uma terra longínqua.

– Que bonito!

– Parece um jardim mágico. (p. 15)

Uma descrição deste tipo, semeada de indícios que remetem para o contexto e o clima que geralmente despoleta a aventura, numa série já conhecida

pelos leitores, cria uma ligação umbilical ao tipo de relato esperado. Outro aspeto a referir diz respeito à apreciação subjacente aos espaços reais que são retratados, sempre marcados pela positividade, independentemente dos acontecimentos que neles terão lugar. Adiante-se que este facto, em particular, estabelece uma relação estreita com o nosso segundo foco de análise.

Esta primeira impressão favorável que o grupo dá da Quinta das Lágrimas, em Coimbra, em conjugação com outras descrições do espaço do palácio, bem como as observações feitas sobre a Serra da Estrela são, portanto, autónomas das experiências vividas pelas personagens, em alguns casos bastante intensas e perigosas, colocando mesmo a vida de algumas delas em risco. Se estes espaços são propícios à aventura, mas também espaços vistos de uma forma positiva, pelas razões que já apontámos, afinal são alguns dos adultos que os povoam que dão origem aos mistérios que têm de ser desvendados e às más experiências infligidas aos membros do grupo.

A este propósito, tomamos as observações de J. A. de Souza (2021) na sua tese de doutoramento, focada exatamente no estudo da topoanálise e geograficidade no discurso romanesco, elaborando em torno do modo como a linguagem literária descreve o espaço (nomeadamente os espaços reais nos quais a ficção se inspira). Vai, assim, apontar a capacidade de esse discurso poder criar um entusiasmo superior por esses mesmos espaços, uma vez que “a linguagem que brota da pena do poeta (romancista, contista, etc.), direta, transparente e falando sem esforço à imaginação, consegue observar e captar melhor a imagem, as feições da Terra e as vibrações coloridas do momento. (p. 63). É este entusiasmo que vislumbramos na forma como os espaços da geografia beirã, quer sejam espaços naturais quer construções humanas mais ou menos recentes, são retratados nos livros de “Uma Aventura”, como já ficou patente na descrição citada acima, da entrada da Quinta das Lágrimas, mas que encontramos nos três livros e em diferentes momentos do evoluir da narrativa.

Borges Filho (2008) afirma igualmente que “nenhum olhar é neutro, daí que a vivência da personagem e ou narrador determinará o conceito que esta terá do espaço que vê. Tal conceito circulará entre dois pólos: o de beleza ou o de feiúra” (p. 6). Nos casos que analisamos, encontramos uma ambivalência curiosa, na medida em que as descrições dos espaços se situam sempre num polo positivo; embora as vivências das personagens nesses espaços tenham inicialmente traços marcadamente disfóricos, todavia sabe-se que o desfecho será sempre favorável para os jovens protagonistas. Sendo naturalmente impossível transcrever de forma extensiva todas essas ocorrências, deixamos mais dois excertos exemplificativos:

Os esguichos de água [na Casa dos Repuxos] cruzaram-se em arco sobre os canteiros do jardim, pediam silêncio e tornavam aquele espaço muito acolhedor.

– Os Valérios seriam mesmo os donos desta casa?

– Não sei e também não importa. Fossem lá quem fossem os donos, sinto a presença deles como se tivessem deixado um rasto a ondular por entre as paredes em ruínas.

– Agora deste em poeta? [...]

A expressão daquele toiro feito há séculos com pedrinhas coloridas era tão direta e tão viva que desencadeou no espírito do João um efeito semelhante ao dos repuxos no espírito do Pedro. (*Uma Aventura em Conímbriga*, pp. 80-82)

Os desejos de Pedro tornaram-se realidade dia seguinte de manhã, quando o tio os levou a um hotel giríssimo onde alugavam skis a turistas. Reinava grande animação. [...] Embora as pessoas não se conhecessem, gerara-se um ambiente amistoso de grande descontração pelo facto de estarem no mesmo hotel e pelo mesmo motivo: gozar a neve. (*Uma Aventura na Serra da Estrela*, pp. 56-57)

Torna-se evidente que a literatura, enquanto conteúdo ficcional, se apropria de elementos de um mundo preexistente e já elaborado (espaços físicos e geográficos reais, história, usos, costumes, entre outros aspetos), subsumindo-os na aventura relatada e conferindo-lhes, no caso concreto destes livros, uma funcionalidade ligada sobretudo à criação de um determinado cenário para a ação, como já referimos, embora remeta igualmente para a região e para o seu conhecimento.

Os elementos principais que fazem parte desse cenário são sobretudo físicos (as edificações existentes em Conímbriga, o palácio da Quinta das Lágrimas) e naturais (a geografia da serra da Estrela ou da serra de Sicó). Existem ainda outras referências – à cidade da Covilhã, a Coimbra, por exemplo – mas apenas como nomes a que não é atribuído “conteúdo”, isto é, são espaços onde em determinado momento as personagens estão, mas não são descritos na sua especificidade. Há, ainda, o elemento humano que também compõe esse cenário “local” e que contribui para a já referida visão positiva sobre esses espaços. O motorista que conduz os jovens dirá que “Cá por mim não há sítio mais bonito no mundo do que a serra da Estrela. [...] Passam a vida a filmar terras sem interesse nenhum quando tinham aqui tanta paisagem linda” (*Uma Aventura na Serra da Estrela*, p. 11); e a falsa guia confessa: “Conímbriga é a minha paixão, sabem? Nunca me canso de visitar estas ruínas e leio tudo quanto há sobre a cidade e as pessoas que aqui habitaram” (*Uma Aventura em Conímbriga*, p. 62).

Note-se que a identificação do espaço literário com um espaço real se processa nestes livros em diferentes camadas, sendo que o exemplo mais manifesto é o de *Uma Aventura em Conímbriga*, em que deparamos com dois textos informativos que funcionam com “moldura” à ficção: um texto informativo no final da obra, situação comum aos três volumes, mas neste caso específico encontramos também uma nota inicial denominada “Porquê uma aventura na Quinta das Lágrimas”, que situa o leitor, de imediato e ainda antes de entrar na diegese, no espaço verídico que servirá de cenário à ficção.

3. A aventura como preâmbulo para o conhecimento do território

No número 30 da série, intitulado *Uma Aventura no Verão* (1992), com a ação localizada no Palácio da Ajuda, as autoras fazem referência à correspondência que têm com os seus leitores, com uma alusão a um aspeto que nos interessa para introduzir o segundo eixo da nossa análise. Escrevem as autoras: “Ao longo dos anos fomos recebendo cartas de rapazes e raparigas que nos diziam ter seguido os mesmos percursos porque o livro lhes despertara a curiosidade e queriam ver os locais da aventura com os seus próprios olhos”.

No contexto destas múltiplas formas de diálogo com os leitores, deparamos igualmente num dos livros que elegemos com a seguinte dedicatória: “*Aos queridíssimos leitores que nos escreveram a pedir Uma aventura na serra da Estrela*”. Tomando estes exemplos, confirmamos que a série desempenha um inegável papel de abertura para o mundo e de curiosidade face à realidade circundante, estabelecendo uma ligação entre a ficção e a vida, patente na visita aos espaços reais retratados na ficção narrativa.

É um facto que desde sempre as pessoas se têm sentido inspiradas para viajar a partir de descrições literárias. Estas múltiplas relações entre a literatura e a realidade, designadamente com a geografia e os espaços físicos, têm vindo a ser exploradas no âmbito dos estudos sobre turismo literário e consideramos que os livros que aqui examinamos podem ser lidos seguindo alguns parâmetros que estas pesquisas têm procurado estabelecer. Os autores que têm abordado esta problemática distinguem diferentes formas e níveis de ligação entre a literatura e o turismo (cf. o trabalho de síntese elaborado por Quinteiro & Baleiro, 2017), sendo que se os casos mais evidenciados pelo turismo literário se centram nos espaços associados aos escritores, espaços literários que recordam não só a sua obra mas sobretudo a sua vida, também se exploram outras vertentes igualmente produtivas.

Squire (1994), que debate esta temática a partir do enquadramento dos estudos culturais e do exemplo de uma escritora para crianças (Beatrix Potter, um dos “produtos” mais populares da herança literária do Reino Unido), sublinha os valores culturais que se associam às práticas turísticas que se desenvolvem neste contexto e que decorrem de um tipo de turismo relacionado com as relações “between cultural production and consumption from which circuits of culture is derived is also integral to processes of literary tourism” (p. 104). Esta vertente de divulgação e de consumo cultural está de facto patente nos livros que analisamos, tal como temos procurado ilustrar.

E no caso destas obras, esta relação é ainda mais explícita e vai mais além nas ligações habituais estabelecidas entre as descrições oferecidas pelo texto literário e os espaços originais em que se inspira. Na verdade, cada volume, situando a ação num cenário geográfico real, inclui no final, concluída a aventura, um pequeno dossiê em que se aborda de forma mais estendida os locais e outros elementos que caracterizam a realidade que serviu de base à ficção, construindo uma espécie de itinerário. Em *Uma Aventura na Serra da Estrela*, são-nos sugeridas “Curiosidades da Serra da Estrela”, com indicação de autoria distinta (dois jovens, com a respetiva fotografia identificativa): localização geográfica e características do território (cidades, rios), lenda da Serra da Estrela, locais de interesse, como as rochas com formas que lembram pessoas ou animais (Cabeça da Velha, Poio do Judeu, Cântaro Magro, Pedra do Urso). “O que é real nesta aventura” é um dossiê com 27 páginas que situa o leitor de *Uma Aventura em Conímbriga* na história da antiga cidade romana, com menções ainda a outros elementos que surgem na narrativa ficcional. E, finalmente, *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas*, como já apontámos, tem uma nota inicial que relata como uma visita das autoras deu origem a mais uma aventura, acrescentando-se no final um conjunto de páginas que narram a história do rei D. Pedro e de Inês de Castro, além de outros episódios relacionados com os vários donos da propriedade e outras curiosidades autênticas relacionadas com a intriga ficcional.

Por esta via, e tendo como base inicial a literatura, convida-se o leitor a visitar uma série de sítios tendo essas referências em mente (e em que o ingrediente de aventura não será despiciendo, face ao jovem leitor destes livros). Neste sentido, podemos afirmar que estes livros têm uma função híbrida, oferecendo ficção e roteiro turístico, ao mesmo tempo. Esta afiliação a espaços reais explicita-se ainda, nestes volumes de “Uma Aventura”, através dos títulos de alguns capítulos, que remetem para locais

concretos – “Nos piornos”, “Na Covilhã” (serra da Estrela), “Silêncios e ruídos na Casa dos Repuxos” (Conímbriga). E tratando-se de livros com ilustrações, as imagens vão igualmente retratar com alguma fidelidade diversos espaços: há várias ilustrações que retratam os jardins e o edifício da Quinta das Lágrimas, Conímbriga e o seu museu, ou no caso da serra da Estrela, a natureza e as atividades ao ar livre, como o ski.

É preciso ainda frisar que as personagens efetuam um movimento do exterior para a região, para um cenário “local” onde se assistirá à ação, ao desvendar dos enigmas e à resolução das dificuldades que os protagonistas vão enfrentar. Em *Uma Aventura em Conímbriga* vão a Condeixa a convite de um professor de Chico; deslocam-se à serra da Estrela em período de férias; e estão em Coimbra no âmbito de um festival desportivo. Neste sentido, acabam por concretizar também na ficção o que é próprio à deslocação turística: “o turismo implica por definição uma deslocação do indivíduo para fora do espaço habitual de residência, ou seja, à prática turística está sempre inerente a movimentação do sujeito no espaço” (Quinteiro & Baleiro, 2017, p. 49).

As autoras, através das aventuras que relatam, efetuam em simultâneo um convite mais ou menos explícito aos leitores para visitarem os espaços descritos. Tal como mencionam Quinteiro e Baleiro (2017), esses “lugares literários” ecoam de forma diferente no leitor pela “fusão do plano ficcional com o plano geográfico concreto” (p. 56). No caso do leitor mais jovem, podemos afirmar que se torna ainda mais significativo este jogo entre o real e o imaginário.

4. Considerações finais

Sabemos que a narrativa de aventura é, fundamentalmente, ação, uma ação associada ao risco e ao perigo, que no caso da série “Uma Aventura” se alia sempre a um mistério ou enigma que os protagonistas devem resolver de forma engenhosa. O horizonte de expectativas do leitor está claramente delineado, mas ainda assim as peripécias narradas proporcionam momentos de lazer que os aficionados da série não perdem. É sobretudo a capacidade comunicativa destes livros que está na origem do seu sucesso, aliando reconhecimento e (alguma) novidade (Sotomayor, 2001).

Nas obras que analisámos o cenário remete para espaços reais, situados em diversos pontos na região das Beiras, contribuindo para uma divulgação desses lugares. Podemos afirmar que, numa sociedade em que as crianças consomem, de forma extensa, os *mass media* globalizados, esta poderá ser

uma forma de as aproximar ao local, ao que lhes está mais próximo, tal como documentam também Bedford and Baccolini (2011). Uma novidade desta série, em especial, é a importância que assume, em muitos dos volumes, o espaço real escolhido como cenário da aventura, característica intrínseca desta coleção quando a comparamos com outras similares em que não se verifica este tipo de preocupação (Bastos, 2000; Leclaire-Halté, 1985). Como se procurou ilustrar, esta opção está ao serviço de dois eixos: o espaço enquanto cenário da ação mas, igualmente, um propósito de divulgação das topografias escolhidas para cada livro.

O turismo literário assenta, em grande parte, na relação entre facto e ficção, entre a realidade e a imaginação, e cada vez mais se verifica que o marketing turístico tem na literatura um parceiro importante (Hoppen, Brown & Fyall, 2015). A este propósito, e só como apontamento final, registre-se que o Museu Monográfico de Conímbriga tem presente esta perspetiva: numa imagem da página de Facebook do museu (<https://www.facebook.com/mmconimbriga/>), alusiva ao Dia da Criança (1 de junho de 2021), descortinamos a imagem do livro *Uma Aventura em Conímbriga* (entre outros) na sugestão de ofertas aos mais novos.

Finalmente, consideramos que seria estimulante analisar os efeitos concretos desta abordagem híbrida nos leitores, dimensão que não nos propusemos examinar, bem como o papel da série televisiva, já que, numa sociedade em que as imagens têm captado a atenção sobretudo das gerações mais novas, as inter-relações entre literatura, cinema e turismo emergem como um novo território a explorar (Connell, 2012; O'Connor & Kimb, 2014). Até que ponto esta translação entre espaço ficcional e espaço real motiva, junto dos mais novos, o conhecimento do território, especificamente, neste caso, a região das Beiras?

Referências bibliográficas

- BASTOS, Glória (2000). Ao sabor da Aventura. Uma aproximação às coleções de Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães. *No Branco do Sul as Cores dos Livros, Atas do Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens* (Beja, 25 e 26 de fevereiro de 1999). Lisboa: Caminho.
- BORGES FILHO, Oziris (2008). Espaço e literatura: introdução à topoanálise. *XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências*. Acedido em https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf

- BRADFORD, C. & BACCOLINI, R. (2011). Journeying Subjects: Spatiality and Identity in Children's Texts, in K. MALLAN & C. BRADFORD (ed.). *Contemporary Children's Literature and Film. Engaging with Theory* (pp. 36-56). Palgrave Macmillan.
- CONNELL, J. (2012). Film tourism: Evolution, progress and prospects. *Tourism Management*, 33: 1007-1029.
- DECREAU, L. (1994). *Ces Héros qui font lire*. Paris: Hachette.
- GRENBY, M. O. (2008). *Children's Literature*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- HOPPEN, A., BROWN, L. & FYALL, A. (2014). Literary tourism: Opportunities and challenges for the marketing and branding of destinations?. *Journal of Destination Marketing & Management*, 3(1): 37-47. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2013.12.009>
- LECLAIRE-HALTE, A. (1985). Le «Club des Cinq» à l'école. *Pratiques*, 47: 21-40.
- O'CONNOR, N. & KIM, S. (2014). Pictures and prose: exploring the impact of literary and film tourism, *Journal of Tourism and Cultural Change*, 12(1): 1-17, DOI: 10.1080/14766825.2013.862253
- QUINTEIRO, Sílvia & BALEIRO, Rita (2017). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Comparatistas
- REIS, Carlos & LOPES, Ana C. M. (1991). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- SOTOMAYOR, M. V. (2001). Literatura en serie. In P. C. Cerrillo & J. Garcia Padrino. *La Literatura Infantil en el Siglo XXI* (pp. 41-65). Cuenca: Ed. de la Universidad de Castilla-la-Mancha.
- SQUIRE, S. J. (1994). The cultural values of literary tourism. *Annals of Tourism Research*, 21: 103-120.
- SOUZA, J. A. de (2021). *O espaço romanesco em narrativas ficcionais de Paulo Jacob: toponímia e geografia*. Tese de doutoramento em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Acedido em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8169>